



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**HISTÓRIA/DHI**

**HELLEN KETCIA BATISTA SANTOS**

**DESCRIMINALIZAÇÃO DO RAP PARA USO PEDAGÓGICO: AS LETRAS DO  
RACIONAIS MC'S COMO INSTRUMENTO PARA PENSAR A SOCIEDADE  
BRASILEIRA.**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE**

**2024**

HELLEN KETCIA BATISTA SANTOS

**DESCRIMINALIZAÇÃO DO RAP PARA USO PEDAGÓGICO: AS LETRAS DO  
RACIONAIS MC'S COMO INSTRUMENTO PARA PENSAR A SOCIEDADE  
BRASILEIRA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do Título de Graduação.

**Orientador:** Prof. Dr. Petrônio José Domingues

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Wellington Batista dos Santos e Elielma Souza dos Santos, dedico também às minhas avós Maria Júlia (in memoriam) e Maria Rita. Sem vocês eu não chegaria até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me conceder a força, a perseverança e a fé necessárias para que eu pudesse chegar até aqui, sem Ele em meus momentos de dúvidas e medo eu já desistiria. Agradeço também aos meus familiares, de forma ainda mais especial aos meus pais Wellington e Elielma, eles foram e são as pessoas que me ajudaram em momentos de dificuldade e me motivaram a não desistir, ser motivo de seu orgulho me trouxe até onde estou.

Gostaria também de mostrar minha gratidão ao meu namorado José Matheus e minha amiga Ariclécia por serem meus apoios emocionais nos momentos de fraqueza, suas palavras de apoio foram de suma importância para mim, e me impulsionaram a não me deixar levar pela minha ansiedade. Não esqueço também dos meus amigos da universidade, por cada conversa, cada troca de conhecimento, cada risada sou e serei grata.

Por último mais não menos importante, quero agradecer ao meu orientador Prof. Petrônio Domingues por dedicar seu precioso tempo e seus conhecimentos ao me orientar neste trabalho.

A todos vocês, muito obrigada por fazerem parte dessa jornada.

# **DESCRIMINALIZAÇÃO DO RAP PARA USO PEDAGÓGICO: AS LETRAS DO RACIONAIS MC'S COMO INSTRUMENTO PARA PENSAR A SOCIEDADE BRASILEIRA.**

Hellen Ketcia Batista Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca tratar sobre a descriminalização do gênero musical rap, visando sua utilização como recurso pedagógico. O foco principal deste trabalho é analisar como a utilização do rap em sala de aula pode contribuir na formação do pensamento crítico dos alunos a cerca da sociedade brasileira e como esta tenta colocar o jovem negro da periferia como antagonista dos acontecimentos socioculturais do país. Busca-se também salientar a origem periférica e negra do movimento hip-hop no Brasil, bem como o contexto de formação do principal grupo de rap nacional, o Racionais MC's. Neste trabalho discutimos como as letras fortes do grupo podem despertar certas discussões e como poderíamos inserir o rap do Racionais nas aulas. Discutimos ainda neste trabalho, o motivo do gênero musical trabalhado ser ainda hoje tão criminalizado, bem como o que o mesmo critica em suas letras. Com isso, busco tratar o rap como um recurso viável e que se adeque a realidade dos alunos e do ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** rap, Racionais MC's, educação, descriminalização.

**ABSTRACT:** This paper aims to address the decriminalization of the musical genre rap, with a view to its use as a pedagogical resource. The main focus of this work is to analyze how the use of rap in the classroom can contribute to the development of students' critical thinking about brazilian society and how it tries to portray the young black person from the periphery as the antagonist of the country's sociocultural events. It also seeks to highlight the peripheral and black origins of the hip-hop movement in Brazil, as well as the context in which the main national rap group, Racionais MC's, was formed. In this paper, we discuss how the group's strong lyrics can spark certain discussions and how we could incorporate Racionais' rap into the lessons. We also discuss in this work the reason why the musical genre being studied is still so criminalized today, as well as what it criticizes in its lyrics. With this, I aim to treat rap as a viable resource that fits the reality of the students and the school environment.

**KEYWORDS:** rap, Racionais MC's, education, decriminalization.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	7
3. JUSTIFICATIVA.....	9
4. CONTEXTO DE FORMAÇÃO DO GRUPO .....	10
5. RAP E PERIFERIA .....	10
5.1. A Criminalidade do Rap.....	12
5.2. As Críticas Presentes no Rap .....	13
6. RAP E EDUCAÇÃO .....	15
6.1. Usos do Rap em sala .....	16
7. ANÁLISE DE ALGUNS TRECHOS DO RACIONAIS MC'S.....	17
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
9. REFERÊNCIAS .....	21

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o movimento hip-hop no Brasil começam a surgir por volta dos anos 1990, entretanto, este segmento cresce a partir dos anos 2000<sup>2</sup>, onde a população começa a ter mais acesso à informação com o avanço da internet. Porém, mesmo com tal avanço, o rap no cenário nacional segue sendo marginalizado e visto como uma cultura apenas da comunidade negra e “favelada” do país. Sua linguagem e estética próprias, fazem com que uma parcela da sociedade que ainda busca manter um certo conservadorismo, fique extremamente incomodada, chegando até mesmo a interferir em tentativas de inserção de tal estilo no ambiente escolar por exemplo.

O preconceito com o estilo musical rap e como todo o movimento hip-hop, vem desde o seu surgimento no Brasil nos anos 1970, tal fato justifica-se por se tratar de um projeto que nasce em berço negro e periférico. Num breve recorte espacial, podemos citar a cidade de São Paulo, sendo ela o real berço onde surge o hip-hop no Brasil, jovens negros que não se viam representados nas formas de arte até então existentes, se juntam para buscar inspirações no *blues*, *jazz* e *funk* norte-americanos, pois lá a presença negra era forte e já bem mais estabelecida<sup>3</sup>.

Podemos então dizer que o hip-hop nacional, foi/é uma tentativa da população negra periférica brasileira de se inserir e mostrar a sua realidade ao mundo. Podemos dizer ainda que, o rap brasileiro trata-se de uma série de denúncias em forma de música, onde os *rappers* transmitem nas letras sua vivência enquanto um pobre preto que sofre para tentar se manter vivo nas periferias do país.

Não romantizando o que foi/é o rap brasileiro, o presente trabalho busca salientar como as músicas do principal grupo de rap do Brasil, o Racionais MC's, denunciavam e reivindicavam melhores condições para os pretos no país e como elas retratam a vida de um jovem negro da periferia de São Paulo. Busco ainda neste trabalho, analisar as possibilidades de trabalhar o rap como um material pedagógico para os adolescentes, visto que estes estão em processo de formação do senso crítico.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

---

<sup>2</sup> D. VIEIRA, J. L. SANTOS, Racionais MC's Entre o Gatilho e a Tempestade, p. XII

<sup>3</sup> Ibidem, p. 6.

Buscando o conhecimento necessário para a discussão proposta no presente artigo, foram lidos alguns trabalhos que tratam do *rap* desde seu surgimento, até os desafios que o mesmo enfrenta.

Afim de conhecer melhor a discografia do Racionais MC's, foi lido o livro *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MC's (2018), obra que carrega o mesmo nome do principal álbum do grupo utilizado para este trabalho. Neste livro, além das letras das doze músicas presentes no álbum de mesmo nome, temos um texto introdutório que já nos situa enquanto leitores do que os Racionais queriam falar nas letras das músicas e em toda a estética que acompanha o álbum. No texto introdutório intitulado “*O Evangelho Marginal dos Racionais MC's*” o professor Acauam Silvério de Oliveira<sup>4</sup>, autor do artigo, nos faz um panorama inicial sobre o contexto do Brasil na época do lançamento do álbum. Fatos como o Massacre do Carandiru (1992)<sup>5</sup>, a Chacina da Candelária (1993) e a Chacina de Vigário Geral (1993), são citados para ilustrar a violência sofrida pela população negra brasileira. É nesse contexto de revolta que os “quatro negros mais perigosos do país”, como eles mesmo se intitularam, produzem e lançam suas músicas como um protesto.

Após compreender a linha que as músicas a serem trabalhadas seguiam, foi necessário compreender como o movimento *hip-hop* se formou no Brasil e como o grupo Racionais MC's se formou. Para tanto, foi lido o livro *Se liga no som* de Ricardo Teperman<sup>6</sup> (2015), onde discussões sobre o nascimento do rap no Brasil são feitas e onde há ainda uma discussão sobre a legitimidade do rap enquanto música, a cerca disso o autor nos fala que, “as definições de música variam no tempo e, claro, também no espaço.” p-37 Podemos entender com tal afirmação que a definição sobre o conceito de música está relacionado tanto a classe social que se refere, quanto ao poder aquisitivo dessa mesma classe, pois nas sociedades, é comum que a cultura da periferia seja menosprezada.

Temos ainda como uma das principais bibliografias utilizadas na realização deste trabalho, o livro *Racionais MC's – Entre o Gatilho e a Tempestade* de Daniela Vieira e Jaqueline Lima Santos (2023). Este trabalho reúne diversos artigos de pesquisadores sobre o rap, e sobre como o Racionais revolucionaram o segmento. Dentre os vários assuntos abordados no decorrer do livro, pode-se citar: a história da formação do grupo, como o *hip-hop* chega ao

---

<sup>4</sup> Professor de Literatura Brasileira na Universidade de Pernambuco.

<sup>5</sup> Ver <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2023/07/massacre-do-carandiru-o-que-foi-a-chacina-em-1992-no-presidio-de-sao-paulo.ghtml>

<sup>6</sup> Músico e antropólogo.

Brasil, as experiências de um homem negro periférico no Brasil, entre vários outros. As organizadoras do livro, nos dizem que “para a constituição do Estado-nação nos moldes eurocêntricos era preciso excluir os não brancos o que, conseqüentemente, gerou graves desigualdades.”<sup>7</sup> e foi nesse meio de desigualdade que os negros periféricos de São Paulo, principalmente da década de 1990, encontraram no centro da cidade um refúgio para serem eles e vivenciarem sua cultura. É esse o contexto do surgimento do movimento *hip-hop* nacional, movimento este que contribui até os dias atuais nas lutas por melhores condições de pessoas negras das periferias, movimento este que possibilitou as denúncias das letras do Racionais MC’s.

### 3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica no sentido de encontrar mais um recurso que pode ser pedagógico. Ainda nos dias de hoje, o rap é visto pela população mais conservadora como algo ruim, ou que remete à criminalidade e, sabemos que basta fazer breve pesquisa para descobrir que tais afirmações não são coerentes.

Partindo para minha experiência particular, enquanto pessoa que trabalha com educação, posso afirmar que este pensamento preconceituoso acerca do rap não é particular de pessoas mais velha, jovens que crescem em casa conservadoras, muitas das vezes cristãs (sejam protestantes ou católicas), têm esse mesmo pensamento pois crescem ouvindo que “rap é música de bandido.” Numa atividade de História realizada numa escola de uma comunidade simples e periférica, que tinha por objetivo trazer para a turma as representações da comunidade negra na sociedade, seja em músicas, histórias, novelas, muitos alunos trouxeram rap, trap, hip-hop, dentre outros gêneros semelhantes. Estes alunos foram severamente julgados por parte dos colegas, pois não concordavam que aquele tipo de música devesse estar na escola.

A partir desse fato que pude presenciar, me questionei: quais os tipos de música podem estar na escola? Por que o rap é ainda tão discriminado? Por que a concepção de que o rap é algo “ruim” ainda é tão presente nos discursos? Foram esses questionamentos que me fizeram escolher o presente tema para meu trabalho. Buscar entender o que as letras de raps famosos, com um foco no grupo Racionais MC’s, falam sobre nossa sociedade, e como estas músicas que têm letras tão fortes podem falar com os alunos de uma forma muito mais profunda e coesa,

---

<sup>7</sup> D. VIEIRA, J. L. SANTOS, Racionais MC’s Entre o Gatilho e a Tempestade, p. 4

pois possuem uma linguagem de muito mais fácil entendimento e que não deixa dúvidas sobre os assuntos que tratam.

#### 4. CONTEXTO DE FORMAÇÃO DO GRUPO

Os “quatro pretos mais perigosos do Brasil”, como os membros se autodenominavam, vieram de famílias pobres das zonas sul e norte de São Paulo. Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), estes da zona sul, se conheciam desde a infância e desde de cedo já demonstravam desejo pela música de origem negra. Já Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) e Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) eram dançarinos de *breaking*.<sup>8</sup>

O crescimento da cidade de São Paulo seguiu os padrões eurocêntricos, como já citado, onde quem não era branco, era jogado às margens da cidade, assim como ocorreu na cidade do Rio de Janeiro no período do Brasil Império onde os pobres e, em sua maioria, pretos se viram obrigados a construir suas moradias em locais de alta marginalidade e de condições precárias. É nesse contexto que os membros do que viria se tornar um dos maiores grupos de rap nacional, nascem e crescem.

Numa tentativa de poder expressar sua cultura e “vencer” a segregação territorial a que foram submetidos, os jovens negros da cidade de São Paulo encontram no centro da cidade, mas precisamente na estação de São Bento<sup>9</sup>, um refúgio para sair de suas realidades sofridas. Era nesse local que eles tinham acesso às produções norte-americanas de pessoas negras como por exemplos as músicas do artista James Brown, onde eles podiam se inspirar nas roupas que negros famosos usavam, mas não somente isso. Era nesse espaço no centro da cidade que eles podiam consumir a *black music* e dar início ao que ficou conhecido como *bailes black's*. As duas duplas só se encontram no ano de 1989, num concurso de rap e já no ano seguinte lançam seu primeiro disco o “*Holocausto Urbano*” (1990). A partir de então, o recém formado grupo Racionais MC’s, começam sua trajetória no rap nacional e se tornam o grupo mais importante e que influenciou gerações com suas músicas.

#### 5. RAP E PERIFERIA

O rap nacional surge, como já citado, num cenário de pobreza de uma população periférica, como uma forma de expressão se sua cultura e vida cotidiana. Entretanto, ao

---

<sup>8</sup> D. VIEIRA, J. L. SANTOS, Racionais MC’s Entre o Gatilho e a Tempestade, p. 5

<sup>9</sup> Ibidem, p. 8

contrário do que era costume, o rap não surge com o objetivo de falar das massas de forma coletiva, ele fala da periferia para a própria periferia.<sup>10</sup>

É neste sentido que o rap se difere ainda mais dos gêneros já existentes, pois ele não tenta falar de todos, mas busca igualar a comunidade periférica em seus acontecimentos cotidianos. Nas letras do Racionais, podemos ver um grande afastamento das noções da MPB existente, onde as raízes musicais do país eram apenas inseridas no eixo samba/bossa nova/MPB. O rap quebra essa linha e reivindica falar da periferia na linguagem da periferia, num ritmo que a mesma gostava e queria ouvir. Sabemos que a MPB de Caetano Veloso por exemplo, não retratava a população sofrendo com a violência policial ou com as drogas, o rap traz em suas letras essas malezas que a periferia passa e mostra para o país como eles são tratados.

Podemos então afirmar que, a partir do rap, aquele imaginário do Brasil que é cantado em Garota de Ipanema<sup>11</sup>, já não é mais o único retrato da sociedade brasileira. Olhando para as letras do Racionais, podemos ver a vivência de jovens que buscando sair de suas misérias, entraram no crime e sofrem as consequências de tal ato, podemos ver ainda a realidade de um preso no Brasil, e vários outros aspectos da vida cotidiana que antes eram invisibilizados.

No Brasil, o racismo está cada vez mais escancarado<sup>12</sup> e o desejo de acabar com o negro, física e culturalmente, é imenso. É essa afirmação que justifica o tratamento que o grupo recebia após lançarem seus discos, o tratamento que o público do Racionais recebia segue a mesma métrica. Jovens negros periféricos cantando sobre como a sociedade ou o “sistema” o trata. As críticas não faziam relação aos discos propriamente ditos, mas sim a grande valorização da pessoa negra, visto que não era o “comum” na música ou em formas de artes mais difundidas.

A periferia de São Paulo, representada pelo Racionais MC’s viu no rap uma forma de ter suas súplicas ouvidas, visto que o seu apagamento faz parte do projeto de “extermínio negro”<sup>13</sup> realizado pelo Estado que busca um embranquecimento da cultura popular. Enquanto outros gêneros falam sobre amores, o rap fala de forma violenta das violências que a periferia sofre diariamente, dando assim voz a essa parte da população.

---

<sup>10</sup> A. S. Oliveira, O Evangelho Marginal do Racionais MC’s, em Racionais MC’s, Sobrevivendo no Inferno, p. 24.

<sup>11</sup> Música composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes em 1962.

<sup>12</sup> S. C. Fonseca, Experiências Periféricas e o Homem Negro na Poética do Racionais MC’s, em D. VIEIRA, J. L. SANTOS, Racionais MC’s Entre o Gatilho e a Tempestade, p. 55

<sup>13</sup> Ibidem, p. 58-59.

### 5.1. A Criminalidade do Rap

A associação do rap à marginalidade e/ou criminalidade é um fato ainda muito comum na sociedade atual. Ver jovens ouvindo ou produzindo este estilo musical ainda é visto com um olhar preconceituoso por diversas pessoas, pois sabemos que a cultura da periferia quase nunca é vista com “bons olhos”.

Escutando músicas do citado gênero, é muito perceptível a presença da criminalidade nas letras, seja de forma direta ou indireta, mas cabe ao ouvinte interpretar tal letra para entender o que ela retrata em cada verso. Essa atribuição de criminalidade que o rap recebe vem de uma noção muito mais complexa e que envolve muitos outros fatores, um deles é o capitalismo.

Em artigo publicado na Revista da Defensoria Pública, as autoras Bazo e Souza (2020) trazem apontamentos sobre essa perspectiva da criminologia atribuída às classes mais baixas da sociedade, pois como sabemos, num mundo capitalista, aqueles que possuem o capital de investimento são os mais beneficiados, enquanto aqueles que estão na classe que vende sua força de trabalho são na grande maioria das vezes desfavorecidos. No rap não é diferente.

O rap surge a partir dessa classe que deveria ser apenas para força de trabalho, para fazer o sistema capitalista prosperar, entretanto, os *rappers* vão contra as “expectativas” e quebram esse ciclo. É nesse contexto que é atribuída a imagem de delinquentes, de marginais, de bandidos a todos aqueles que encontraram no rap uma forma de se expressar, de expressar sua cultura, suas raízes. É essa atribuição de estereótipos que, segundo Bazo e Souza, faz com que o rap e seus representantes sejam ainda tão reprimidos pelos policiais por exemplos, pois estes compõem a chamada “agência de criminologia secundária”.

Basta olhar a própria história do Racionais, onde em seus shows diversas vezes a polícia entrava e ocorria um verdadeiro banho de sangue<sup>14</sup>, ou ainda quando houve o envolvimento de um dos membros em um acidente de carro, a mídia da época colocou o grupo como culpado, sem nem ao menos haver um julgamento formal.<sup>15</sup> Atribuir criminalidade às classes mais baixas tornou-se natural pela estrutura que temos em nossa sociedade capitalista, onde o dinheiro é quem rege os ocorridos, bem como quem será culpado ou não pelos acontecimentos.

<sup>14</sup> Ver <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL32048-5605,00-SHOW+DE+RACIONAIS+MCS+NA+SE+TERMINA+EM+QUEBRAQUEBRA+SAO+DETIDOS.html>

<sup>15</sup> Ver <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/15/cotidiano/26.html>

No caso do Racionais, lhe é até atribuída essa faceta de criminosos por não aceitarem os tratamentos que lhes era oferecido pela sociedade de modo geral. Cantar para uma população pobre e preta que entrar na vida crime pode leva-lo à morte<sup>16</sup> ou como é o dia a dia de um presidiário num dos maiores presídios do país, dá a essa mesma população uma noção maior e mais rica do que pode ser a vida que eles estariam entrando. As denúncias das letras do Racionais eram vistas como incitação à violência, pois tratavam da realidade da periferia com a mesma violência que recebiam nas ruas.

Em entrevista, Mano Brown fala que seus raps era a única coisa que “um moleque de 20 quilos podia fazer.”<sup>17</sup> Ele completa a fala dizendo que se pegasse em arma e virasse assaltante morreria logo, ele alerta e sempre o fez sobre como a criminalidade mata, como jovens da mesma realidade que a dele podiam buscar um outro meio para sair da pobreza que não fosse o crime. Na música “Capítulo 4, versículo 3” ele canta “minha palavra vale um tiro, e eu tenho muita munição” essa foi a arma que o rap escolheu para lutar como o sistema, a palavra. Teperman (2015) nos fala em seu livro sobre o quinto elemento do rap, este seria o conhecimento, ele traz ainda a seguinte afirmação “A ideia é um contra ponto à redução do rap a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação.” p. 22 Fica nítido que o cerne do rap é transformar a periferia da qual ele vem e denunciar o tratamento que a mesma recebe.

Podemos concluir então que a criminalidade que o rap representa nunca foi proferida pelo gênero rap ou pelo movimento hip-hop como um todo, mas sim pela sociedade que não aceitou e ainda hoje não aceita que pobres tenham tamanha visibilidade enquanto falam de suas malezas diárias. Um obre não aceitar sua pobreza e ainda instigar outros pobres a buscarem meios de mudarem suas vidas de maneira limpa, nunca foi e dificilmente será bem visto numa sociedade que busca enriquecer em detrimento do empobrecimento da parcela que já é desfavorecida em todos os aspectos de suas vidas.

## **5.2. As Críticas Presentes no Rap**

Como já ressaltado, o rap além de ser um gênero musical é um meio de expressar a insatisfação de uma parcela da população. Sabendo disso, este tópico do trabalho busca tratar

---

<sup>16</sup> Ver música “Tô ouvindo alguém me chamar” do álbum Sobrevivendo no inferno de 1997.

<sup>17</sup> Ver Mano Brown, um sobrevivente do inferno | Entrevista completa, 27 de fevereiro de 2018 [https://www.youtube.com/watch?v=U\\_OsF4y4zuY](https://www.youtube.com/watch?v=U_OsF4y4zuY).

de alguns dos focos de críticas do rap nacional, estes são: preconceito, violência e segregação racial.

As críticas sociais e o rap “andam de mãos dadas” desde o seu surgimento, desde sempre foi um grito da população negra, para que suas vivências não fossem esquecidas ou apagadas. O preconceito que os negros periféricos do país sofrem não é uma questão recente, pessoas pretas sempre foram vistas com maus olhos pela sociedade, um dos muitos traços da escravidão que aqui ocorreu, neste sentido, o rap surge como uma forma de ressaltar que independente da cor da pele, somos pessoas com vidas e essas vidas são importantes. Podemos citar como exemplo de música que grita essa essência a “Menina Pretinha” de MC Sofia<sup>18</sup>, na música a MC exalta a beleza, a ancestralidade, e declara que é contra o racismo.

Na intro do álbum “Sobrevivendo no inferno” do Racionais MC’s vemos um relato de um jovem onde ele fala o que lhe é oferecido em sua comunidade “o crack, a traiçagem, as armas, as bebida...”<sup>19</sup>. Em várias outras músicas podemos ver como é o cotidiano de um jovem que vive numa favela, onde o crime é muito mais atrativo e muitas vezes a saída mais “fácil” de uma vida sofrida. Vemos essa violência também sendo retratada em “Homem na estrada” também do Racionais MC’s<sup>20</sup>, nesta música vemos pessoas pobres sendo mortas por diversas razões, mas que em todas elas são tratadas como indigentes, como se sua vida não valesse nada.

Ainda falando das violências que sofre um negro pobre em sua periferia, cito a música “O homem que não tinha nada” interpretada por Projota e Negra Li<sup>21</sup>, nesta última temos dois pobres um trabalhador e outro que por não ver mais opções entra para o crime e tenta assaltar o primeiro, resultando em sua morte. Esse é quase sempre o destino final dos protagonistas das histórias cantadas pelos *rappers*, muitas vezes promovidas pela polícia, que muitas vezes é extremamente preconceituosa, mas que também é promovida por outros periféricos que já não vêm alternativas para fugir de suas vidas sofridas.

Em todas as músicas já citadas, podemos ver em alguns versos a segregação que negros sofrem diariamente, mas gostaria de citar mais alguns que tem um foco ainda maior nesse tema. Começando por “Corra” de Djonga<sup>22</sup>, nesta canção que tem uma batida que difere das anteriores, é mais melodiosa, os cantores falam sobre como nosso povo, nossos ancestrais foram

<sup>18</sup> Ver <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1Wko>. 9 de março de 2016.

<sup>19</sup> Álbum lançado em 1997.

<sup>20</sup> Lançada em 1993.

<sup>21</sup> Lançada em 2016.

<sup>22</sup> Ver <https://www.youtube.com/watch?v=Uv2BEzQDu-8&list=TLPQMTAxMDIwMjTN4TU874V6LQ&index=4>. 13 de março de 2018.

massacrados pelos colonizadores, como eles tinham armas muito mais destrutivas e ainda como os mais jovens começaram a pegar em armas para tentar ter uma vida melhor.

Estas músicas falam com uma linguagem muito clara sobre como foram as circunstâncias que levaram os personagens das músicas chegarem até o ápice de suas histórias e como estas muitas vezes terminaram em tragédias.

O principal objetivo dessas letras que trazem tamanha representatividade para os ouvintes, é encorajar novas expressões de arte e de produção de conhecimento, contestando as noções preexistentes de raça e conhecimento. A ideia que a população pobre de um determinado lugar não tem possibilidades de construir seus próprios saberes está inserida no contexto capitalista que vivemos. Os pobres são vistos como incapazes de produzir algo que não seja para o enriquecimento dos ricos, então com as letras que o rap traz é possível reverter essa ideia e não somente isso, é possível mostrar a grandiosidade que existe dentro de uma comunidade pobre de periferia.

É comum vermos até homem notícias de jovens que são considerados prodígios em algum campo vindo das favelas brasileiras, e para muitos tal fato é impensável. O rap traz em suas letras esse protagonismo negro, sejam na vida do crime ou na busca por uma vida melhor de forma limpa e dentro da lei.

## **6. RAP E EDUCAÇÃO**

Como já citado anteriormente, o rap é um estilo musical que nasce na periferia, e até hoje é predominante nessa parte da sociedade. É comum vermos jovens que tem uma predileção por esse tipo de música, tais jovens muitas vezes são taxados de delinquentes, vagabundos, “nóias”<sup>23</sup>, entre vários outros adjetivos pejorativos. No contexto escolar, esses são os alunos que normalmente dão “mais trabalho” aos professores, mas por que isso ocorre?

Em minha breve experiência em sala de aula, posso afirmar que os alunos mais “difíceis” são somente alunos que não são ouvidos ou que não tem suas realidades compreendidas dentro da escola. Muitas vezes, as realidades desses alunos são as mesmas dos raps que eles ouvem, quando não a sua própria, mas a de um amigo próximo e na escola é visível, na maioria das vezes, um apagamento desse sentimento.

---

<sup>23</sup> Assim são popularmente chamados os usuários de drogas.

O rap nesse sentido é uma ponte que liga as histórias e vivências desses alunos e das pessoas que têm suas histórias de vida cantadas nas letras dos raps. Tratando o rap como uma ponte de ligação, podemos transformá-lo num recurso pedagógico que foge do padrão que conhecemos e adotamos. As letras dos raps, citando as músicas do álbum “Sobrevivendo no Inferno” do Racionais, são fortes e violentas, pois é assim a vivência de um jovem periférico no Brasil. O nome do álbum já é uma metáfora sobre o que é ser negro e pobre no Brasil. Trazendo tais letras para o ambiente escolar, podemos construir um senso crítico nesses alunos, visto que músicas escritas na década de 1990 ainda retratam tão perfeitamente a nossa sociedade.

Incluir o rap como um recurso didático proporciona também uma mudança na forma de ver o mesmo pois, como já citado, o mesmo ainda é visto de maneira pejorativa. Essa inserção na sala de aula torna as aulas mais dinâmicas e abre um novo horizonte de pensamento para os alunos e também para todo o corpo docente da instituição.

### **6.1. Usos do Rap em sala**

Partindo para o uso efetivo do rap em sala de aula, podemos pensar alguns métodos que podem ser viáveis e produtivos. Uma das formas de introduzir o rap na escola é incentivar que os próprios alunos criem seus raps a partir de temas já estabelecidos. Um exemplo que pode ser citado de como tal metodologia funciona é o Projeto MC’s pela Educação, este foi apoiado pelo Projeto Gerando Falcões<sup>24</sup>. O MC’s pela Educação criava letras de rap e funk que tinha por objetivo conscientizar outros jovens sobre a importância de buscar uma educação de qualidade, mesmo estando numa favela.

Outra forma que é ainda mais possível de ser posta em prática é o uso de músicas de artistas já conhecidos, como Racionais MC’s, Djonga, Sabotage, Dexter entre outros. É necessário que seja realizada anteriormente uma análise dessas letras para identificar quais são possíveis de se utilizar em sala, mas de modo geral fazer os alunos ouvirem e refletirem sobre como as letras do rap traduzem seus cotidianos e como retratam tão bem o país que vivemos. Fazer os alunos criticarem as letras e principalmente parar para ler cada uma delas, faz com que certos preconceitos existentes sejam deixados de lado e abre uma nova porta para seu autoconhecimento.

---

<sup>24</sup> Ver <https://gerandofalcoes.com/>

Atividades que envolvam as letras de raps que eles mesmo ouvem ou já conhecem também os ajuda nesse processo, pois já os aproxima ainda mais aos temas a serem tratados nas aulas. E é esse o principal objetivo ao inserir o rap na escola, aproximar-se da realidade vivida por cada aluno em sua casa ou bairro.

## 7. ANÁLISE DE ALGUNS TRECHOS DO RACIONAIS MC'S

A presente seção busca fazer uma breve análise de trechos de letras do grupo Racionais MC's e verificar se as mesmas poderiam ser trabalhadas em sala de aula, bem como em qual contexto da aula elas seriam inseridas.

Seguindo a própria cronologia do grupo, dou início a análise com um trecho da música “Pânico na zona sul”, a mesma se encontra no EP Holocausto Urbano. O nome do EP já sugere o conteúdo que as letras trazem, mas vamos ao trecho:

*Então quando o dia escurece*

*Só quem é de lá sabe o que acontece*

*Ao que me parece prevalece a ignorância*

*E nós estamos sós*

*Ninguém quer ouvir a nossa voz*

*Cheia de razões calibres em punho*

*Difícilmente um testemunho vai aparecer*

*E pode crer a verdade se omite*

*Pois quem garante o meu dia seguinte*

*Justiceiros são chamados por eles mesmos*

*Matam humilham e dão tiros a esmo*

*E a polícia não demonstra sequer vontade*

*De resolver ou apurar a verdade*

*Pois simplesmente é conveniente*

*E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes*

*E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum*

*Continua-se o pânico na zona sul* (Racionais MC's, 1989).

No citado trecho, podemos ver a realidade vivida pelos periféricos do país, uma realidade ainda muito atual que muitos fingem não ver. Na citada música vemos jovens conversando sobre como é o tratamento que recebem das autoridades, mais precisamente da polícia. Para ilustrar tal tratamento por parte da polícia poderíamos citar diversos casos, mas um que ocorreu a cerca de 5 anos foi e ainda é muito revoltante e marcante. O caso dos 80 tiros.<sup>25</sup> Uma família em um carro recebe 80 tiros sem ao menos ter feito nada, apenas por serem negros, esta música do Racionais é datada de 1989, o fato dos 80 tiros ocorreu em 2019. É alarmante o quanto uma música lançada 30 anos antes ilustra tão bem a realidade de muitos.

A presente música foi escolhida justamente por ser ainda tão atual, um possível uso para a mesma é em aulas para falar sobre o racismo e racismo estrutural. A partir dessa música, é possível tratar da questão da violência policial e como ser negro numa sociedade racista é tão difícil, mas ao mesmo tempo, como a própria música fala “Temos que parar de se acomodar, E acatar o que nos prejudica”<sup>26</sup>.

A próxima música de nossa breve análise é “Fim de semana no parque”, a mesma se encontra no álbum Raio X do Brasil, de 1993. Trataremos o seguinte trecho:

*Com seus filhos ao lado estão indo ao parque*

*Eufóricos brinquedos eletrônicos*

*Automaticamente eu imagino*

*A molecada lá da área como é que tá*

*Provavelmente correndo pra lá e pra cá*

<sup>25</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/15/artigo-or-80-tiros-por-engano/>

<sup>26</sup> Pânico na Zona Sul. Racionais MC's, 1989.

*Jogando bola descalços nas ruas de terra*

*É, brincam do jeito que dá.* (Racionais MC's, 1993)

Vemos o citado trecho de forma muito clara como é a desigualdade social presente numa comunidade periférica, ou falando mais informalmente, numa favela. Enquanto os ricos querem ir ao parque exibir seus brinquedos caros, as crianças pobres só querem poder brincar, mesmo em situações precárias. Tal música poderia ser utilizada para falar sobre o acúmulo de capital nas mãos de uma pequena parcela da população, em detrimento da pobreza da outra e mais populosa parte dessa mesma sociedade.

O último trecho a ser analisado neste trabalho encontra-se na música “Em qual mentira vou acreditar” do álbum *Sobrevivendo no inferno* de 1997. O trecho diz o seguinte:

*Quem é preto como eu já tá ligado qual é*

*Nota Fiscal, RG, polícia no pé*

*("Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço*

*Racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança")*

*Falou, falou, deixa pra lá*

*Vou escolher em qual mentira vou acreditar.*  
(Racionais MC's, 1997.)

Neste trecho é muito fácil perceber o racismo estrutural de nossa sociedade, onde negros precisam sempre andar na defensiva, pois infelizmente na sociedade que vivemos, se não pudermos comprovar toda e qualquer mínima conquista que tenhamos, podemos ser presos ou incriminados por algo que não foi feito de fato.

Esse trecho da música, nos faz pensar sobre como a sociedade de maneira geral tenta nos enganar com certas mentiras, por exemplo quando dizem que não existe racismo no Brasil, e nos faz ficar atentos sobre os acontecimentos de nosso dia a dia, para saber reagir a certas situações que podem ocorrer.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar a pesquisa para o presente trabalho, algumas ideias relacionadas ao tema já existiam, porém após todas as leituras pude abrir minha mente ainda mais. Falar sobre rap e educação não é uma tarefa tão simples quanto se pode imaginar, mas ainda assim é algo necessário.

Por tanto, consideramos que a criminalização do rap não se deu por suas letras, ou pela estética que o mesmo carrega, mas sim pelo seu lugar de origem e pelos seus precursores. Logo para que haja de fato uma descriminalização é necessário que tal gênero seja difundido em outros meios da sociedade, assim seu real objetivo, as denúncias de uma parcela da sociedade, vão ser ouvidas e entendidas.

Considerando o rap um recurso pedagógico, assim como já citado, nos permite vivenciar através das letras as lutas diárias da população periférica e ainda aproximar da realidade de muitos alunos que já se identificam com as letras. Com isso, podemos trazer para dentro do ambiente escolar temas que ainda hoje são tabus, mas que precisam ser abordados e discutidos, visando a criação ou um maior desenvolvimento do senso crítico dos alunos para que estes aprendam ou desenvolvam argumentos para se posicionar na sociedade. Alunos que conhecem seus direitos e que aprendem que a realidade em que estão inseridos todo ser diferente, tem uma possibilidade maior de desviarem seus “destinos” daquilo que já lhes é oferecido desde de sua infância.

Não esperamos que o rap seja a salvação para todos os problemas que a sociedade apresenta, principalmente em questões sociais, mas a inserção do rap na sala de aula permite que outras realidades sejam trabalhadas e discutidas, e com isso, é possível abrir um leque de outras novas oportunidades de aprendizado e discussões sobre a sociedade que vivemos.

## 9. REFERÊNCIAS

- Artistas de grafite, rap e funk são alvos de abordagens policiais e criminalização. Mobile, 2021. Disponível em: <https://movimentomobile.org.br/caso/artistas-de-grafite-rap-e-funk-sao-alvos-de-abordagens-policiais-e-criminalizacao/>. Acesso em: 18/10/2024.
- BAZO, A. L.; SOUZA, R. S. A perseguição do Rap pelas agências estatais de controle social. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**, v. 2, n. 3, p. 79-101, 16 dez. 2020.
- BERTELLI, Giordano Barbin. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. **Sociologias**, v. 14, p. 214-237, 2012.
- COLIMA, Leslie; CABEZAS, Diego. Análise do rap social como discurso político de resistência. **Bakhtiniana: revista de estudos do discurso**, v. 12, p. 24-44, 2017.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. **Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente**, 2005.
- DE CARVALHO ROCHA, Bruno; CAPPELLI, Marcio. No princípio era o rap: a construção do mito em 'Sobrevivendo no Inferno', de Racionais Mc's. **Estudos de religião**, v. 34, n. 3, p. 153-176, 2020.
- DE MENDONÇA JÚNIOR, Francisco Carlos Guerra; DE MORAIS NOBRE, Itamar. Rap: uma representação pós-colonial e contra-hegemônica no cenário cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 13, n. 30, p. 25-40, 2016.
- DE OLIVEIRA, Esmael Alves; SATHLER, Conrado Neves; LOPES, Roberto Chaparro. RAP como Educação para a Resistência e (Re) existência. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p. 388-410, 2020.
- DOS SANTOS, Sales Augusto. Os rappers e o 'rap consciência': novos agentes e instrumentos na luta anti-racismo no Brasil na década de 1990. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, 2008.
- DUTRA, Paulo. Racionais MC's, Marighella e o branqueamento do Brasil. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. e5916, 2020.

GONÇALVES, Maria das Graças; MRECH, Leny Magalhães. Racionais MC's: o discurso possível de uma juventude excluída. 2001.

Jovens usam funk e rap para falar sobre o direito à educação. Criança Livre Do Trabalho Infantil, 2017. Disponível em:

<https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/jovens-usam-funk-e-rap-para-falar-sobre-o-direito-educacao/>. Acesso em: 18/10/2024

KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo em perspectiva**, v. 13, p. 95-106, 1999.

LIMA, Allisson Marlon Lopes de. A crítica social nas músicas de rap nacional: a problematização dos temas "violência policial" e "drogas". 2018. 101f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

LOPES, Charleston Ricardo Simões. Racionais Mc's: do denunciamento deslocado à virada crítica (1990-2006). 2015.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. Arte, cultura e política na história do rap nacional. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**, n. 63, p. 235-241, 2016.

MENDES, Gabriel Gutierrez. O Rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais Mc's. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 27, 2015.

MOREIRA, Tatiana. A constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC's. **PERcursos Linguísticos**, v. 1, n. 3, 2011.

OLIVEIRA, Leandro Silva de; SEGRETO, Marcelo; CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. Vozes periféricas: expansão, imersão e diálogo na obra dos Racionais MC's. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 101-126, 2013.

PINHO, Osmundo; ROCHA, Eduardo. Racionais MC's: cultura afro-brasileira contemporânea como política cultural. **Afro-Hispanic Review**, p. 101-114, 2011.

PONCIO, Gabriel Rodrigues. O rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência: enfrentando a prisionização e a seletividade do sistema penal. 2014.

QUEIROZ, Marcos; CAVALCANTE, Jordhanna. Rap como teoria social: Racionais Mc's, criminologia e crítica radical. **Boletim IBCCRIM**, v. 29, n. 346, p. 11-13, 2021.

Racionais MC's. **Sobrevivendo no inferno**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

RACIONAIS, MC1S. Sobrevivendo no inferno. **São Paulo: Cosa Nostra**, v. 1, 1997.

Rap: crítica e resistência. Ermira, 2021. Disponível em:

<https://ermiracultura.com.br/2021/02/06/rap-critica-e-resistencia/>. Acesso em: 18/10/2024.

ROCHA, Bruno de Carvalho. Rap e religião: análise do imaginário religioso em Racionais Mc's. 2022.

SAMYN, Henrique Marques. Figurações do (anti-) herói épico em “Tô ouvindo alguém me chamar”, dos Racionais MC's, e “Isso aqui é uma guerra”, do Fação Central. **estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 223-237, 2018.

TEPERMAN, Ricardo. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais MC's entre o gatilho e a tempestade**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos avançados**, v. 18, p. 225-241, 2004.

ZENI, Bruno. Uni, duni, tê: identidade e dramaticidade nas músicas de Sobrevivendo no Inferno, dos Racionais MC's. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 63, n. 2, p. 281-290, 2024.